

ITINERÁRIO DAS GALERIAS E MARQUISES MODERNAS DE FLORIANÓPOLIS: ARQUITETURA PRODUZINDO NOVAS RELAÇÕES URBANAS

Luiz Eduardo Fontoura Teixeira & Gilberto Sarkis Yunes & Rafaela Regina de Souza & Marianna Spindola Godoy

Universidade Federal de Santa Catarina

Mail: fontourateixeira@gmail.com, gsyunes@uol.com.br, rafaela9souza@gmail.com, mariannasgodoy@gmail.com

RESUMO

Apresenta o tipo morfológico da galeria urbana inserida no contexto de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, em seu período modernista. Analisa-se o impacto das galerias internas e externas, configuradas no térreo de edifícios, bem como a relação de diálogo das edificações na escala do pedestre.

Em Florianópolis, as galerias passaram a ser construídas a partir dos anos 1940 à reboque do Estado com intervenções urbanas e modernizantes, meio encontrado para refletir uma imagem inovadora para uma cidade com desenvolvimento lento.

Apresentam-se sete edifícios como estudo de caso, formando um itinerário livre com galerias que se mesclam à malha urbana tradicional, oferecendo renovação à dinâmica da cidade, criando locais de interface entre público e privado, produzindo novas relações entre a arquitetura e o urbano pelo uso do cidadão. Enfatiza-se o caráter documental desses edifícios, que integram o itinerário histórico e paisagístico da cidade, com relações com o urbano que prevalecem pertinentes.

Palabras clave: modernidade, galerias urbanas, Florianópolis.

ABSTRACT

Presents the morphological type of the urban gallery inserted in the context of Florianópolis, capital of the state of Santa Catarina, in its modernist period. Analyzes the impact of internal and external galleries set on the ground floor of buildings, as well as the relationship between the buildings in the pedestrian scale.

In Florianópolis, the galleries began to be built from the 1940s powered by urban and modernizing state interventions, a way to reflect an innovative image for a city with slow development.

We present seven buildings as a case study, forming an itinerary with galleries that merge the traditional urban fabric, offering renovation to the dynamics of the city, creating interface between the public and the private and producing new relationships between architecture and urban by the use of citizens. It emphasizes the documental aspect of these buildings, which are a part of the historic and scenic route of the city, with urban relations that prevail relevant.

Key words: modernity, urban galleries, Florianópolis.

Este trabalho se insere na pesquisa “Itinerário da Arquitetura Moderna em Santa Catarina - Florianópolis”, que tem por objetivo principal reconhecer e documentar a produção de edificações e espaços de linguagem moderna na capital catarinense. Busca-se neste artigo analisar a inserção das galerias e marquises modernas em Florianópolis em seu papel de dinamização da malha urbana e de grande impacto no cotidiano da região central e na imagem da cidade. Além disso, pretende-se contribuir para os estudos dessa linguagem arquitetônica e tipologia como parte do patrimônio moderno e marco gerador de ambiência urbana diferenciada na cidade atual.

Dentro da pesquisa, foram cadastrados até o momento 48 exemplares de projetos e obras realizadas ainda existentes e um demolido. No processo de trabalho foram identificadas edificações, loteamentos, projetos paisagísticos e equipamentos urbanos. Na execução das investigações tem sido utilizado o método histórico-crítico, se valendo de recursos como pesquisa de campo, bibliográfica, fontes primárias e documentação iconográfica. Esses elementos coletados foram organizados e analisados como objeto de reflexão crítica, concebida a partir de novas abordagens historiográficas, como as de Segawa (1997), Anelli et al (2001), Bastos e Zein (2010) entre outros. Conforme essas novas narrativas é importante, para além da consagração autoral, elencar e valorizar a produção real, cotidiana, das arquiteturas que ajudaram a configurar a cidade moderna brasileira.

Florianópolis, a capital do estado de Santa Catarina, é um município que compreende uma porção insular, onde se encontra o centro fundador, e outra continental. No início do século XX constatava-se um estágio de desenvolvimento suspenso e tardio em relação a outras capitais brasileiras, apresentando atividades econômicas baseadas principalmente na subsistência. Nesse contexto, tinha sua permanência como capital estadual ameaçada. Em busca de reverter a estagnação e introduzir a cidade à modernidade, sob o governo de Getúlio Vargas e à reboque do Estado, novas linguagens arquitetônicas e programas passam a ser adotados, introduzindo inovações e técnicas construtivas que se tornam características desse período socioeconômico que culminou na expansão urbana acentuada a partir dos anos 1970, consolidando a cidade em sua característica atual.

Em Florianópolis, as galerias passaram a ser construídas a partir dos anos 1940 e 1950, após terem passado a ser previstas recentemente na legislação municipal específica para área central insular de Florianópolis, com sua malha urbana luso-brasileira de origem açoriana, de configuração complexa e característica pedonal. Estes espaços oferecem características renovadoras da dinâmica urbana, criando locais intermediários de interface entre o público e o privado e produzindo novas relações entre a construção de arquitetura e do urbano pelo uso do cidadão.

Dentro da pesquisa, os Itinerários da Arquitetura Moderna de Florianópolis se configuram como produto e também registro dos exemplares de edificações e setores urbanos considerados como representativos desta linguagem. Neste trabalho considera-se como *itinerário* o processo histórico de implantação da linguagem moderna e da conformação urbana das galerias no centro tradicional de Florianópolis, além de sugerir a visita física dessas obras na forma de circuito livre. Portanto, para além do subsídio para as ações de preservação desse patrimônio recente, mas não menos ameaçado, este trabalho tem como objetivo divulgar possíveis percursos de (re)conhecimento desses bens culturais para moradores e visitantes da cidade.

Os objetos de estudo destacados neste artigo encontram-se na região insular central do município, correspondente ao espaço fundador da cidade e suas expansões. Este espaço é delimitado morfológicamente por uma península triangular formada pelas baías Norte e Sul e pelo maciço montanhoso a Leste, o Morro da Cruz. Observa-se grande concentração inicial de obras na área do entorno da Praça XV e, posteriormente, nas áreas definidas pela Avenida Hercílio Luz e Chácara de Espanha. Dentro da pesquisa, esta área também compreende o maior número de exemplares levantados, trinta e quatro no total, composto por edificações, praças e equipamentos de diferentes períodos e linguagens, evidenciando a inserção e substituição de arquiteturas geradas no processo de modernização do núcleo originário da cidade. Este setor é emblemático, entre outros aspectos, por sua diversidade de funções e pela grande transformação urbana, que documenta os ciclos socioeconômicos da cidade na malha superpostos como uma colagem.

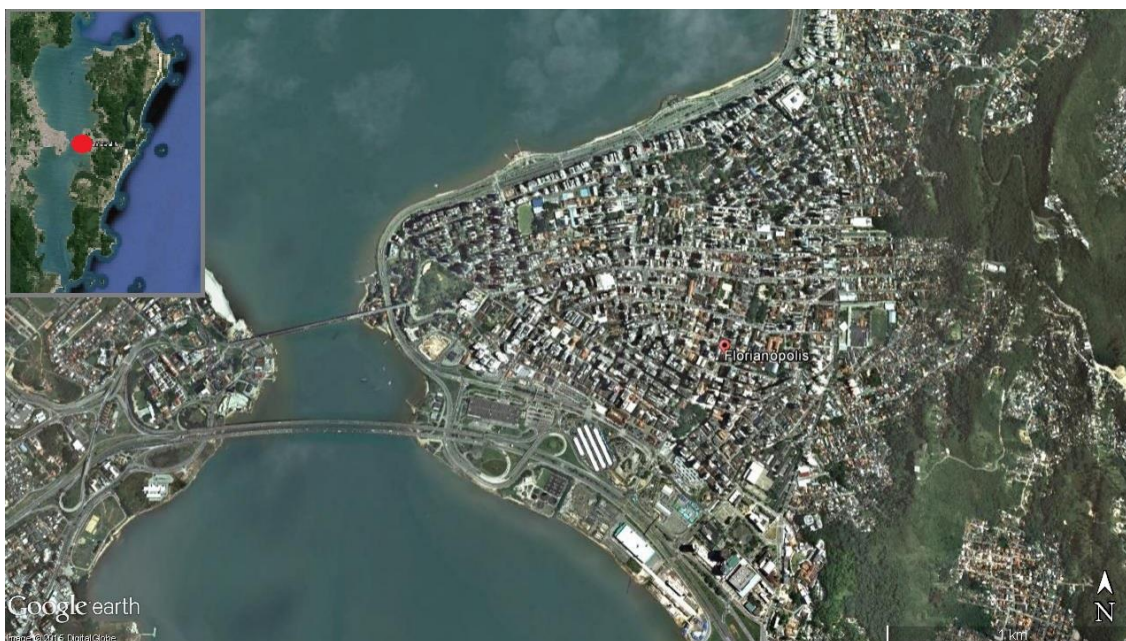


Figura 1: Imagem de satélite localizando a região central no município de Florianópolis, com as baías Norte e Sul à esquerda e o Maciço do Morro da Cruz à direita.

(Elaboração própria sobre imagem de satélite. Google Earth, 2015)

Dentre estas edificações que se destacam como verdadeiras estruturas urbanas na área central insular da capital catarinense, se encontram os sete exemplares catalogados dentro da pesquisa sob a temática das *galerias* e *marquises* urbanas. Estas obras mantêm a característica de funções diversificadas, sendo alguns empreendimentos de iniciativa pública e outros de origem privada, mas ligados pela presença de térreos com porções permeáveis e apropriáveis em conjunto com a malha urbana. São eles: Edifício IPASE (1944), Clube 12 de agosto (1956), IAPC (1958), Diretorias (1961) e FATMA (1961), identificados como edifícios institucionais apresentando galerias externas do tipo *marquise*; e ARS (década de 1970) e Ceisa Center (1978), edifícios privados de atividade comercial, com galerias internas de acesso livre ao público. Esses dois últimos exemplares arrolados configuram verdadeiros *sistemas arquitetônicos*, por transcenderem em dimensão e inserção urbana à categoria de meras edificações. Trabalhar com essa categoria historiográfica significa “(...) *dar prioridade a uma busca pela revelação de estruturas complexas nas escalas urbanas e territoriais* (...)” (Montaner, 2009, p. 11).

Especialmente edifícios administrativos, dentre outros exemplares, se tornam pioneiros na contraposição da paisagem urbana tradicional, com o amembramento de lotes na malha fundiária fundacional e uma ruptura com o gabarito e escala da cidade tradicional. Foi gerada assim uma nova ambiência urbana a partir dos anos 1930, a da modernidade, introduzindo-se novos costumes e atividades, ligados à importação de uma urbanidade dos grandes centros como principalmente o Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Desses centros eram irradiados pelos modernos aparatos de comunicação, como o rádio e o cinema, novos hábitos, ligados a uma vida urbana mais diversificada, emulando um princípio de sociedade de consumo e suas modas. Florianópolis, saindo do marasmo de cidade interiorana, com lojas e suas vitrines, hotéis e restaurantes, não seria exceção.

“Durante as décadas de 1950 e 1960, o comércio de Florianópolis não alterou muito sua localização. Permaneceu concentrado em torno das principais ruas à esquerda da Praça XV de Novembro. As ruas Tenente Silveira, Conselheiro Mafra e Felipe Schmidt eram os limites do comércio mais ativo do centro da capital catarinense, onde as maiores lojas, e de maior sucesso, instalavam e agitavam o comércio local.” (Flores, orgs, 2006, p.181).

1 FLORIANÓPOLIS

Florianópolis, capital do estado meridional de Santa Catarina, é uma cidade com uma porção insular e outra continental, essa anexada ao município em 1943. Desenvolveu-se como uma das primeiras povoações no Brasil Colonial, no século XVII, ainda sob o nome de Nossa Senhora do Desterro, em função de uma condição estratégica militar. A posição geográfica da Ilha de Santa Catarina, a meio caminho entre os portos do Rio de Janeiro e Buenos Aires, configurando um “porto de boa parada”, explicaria esse empenho da Coroa Portuguesa na criação e manutenção de um sistema de

fortalezas, e da fundação do núcleo urbano original, em torno da atual Praça XV de Novembro. O plano de fundação tinha vários aspectos em comum com outras cidades luso-brasileiras litorâneas, configurando um esquema matricial, o qual se repetiria muitas vezes como modelo, com a regularidade do traçado geométrico gravitando em torno de uma praça à beira mar (o porto), tendo no extremo oposto a igreja matriz e nos demais lados, os edifícios do poder, como o Palácio de Governo e a Casa de Câmara e Cadeia. As ruas projetadas partiriam da praça, perdendo muitas vezes mais adiante essa regularidade em função da topografia.



Figura 2: Planta da cidade de Florianópolis na década de 1930, evidenciando o limite da ocupação e os grandes vazios urbanos.

(Teixeira, 2009)

Figura 3: Vista da área central insular da cidade nos anos 1960, ainda no princípio da verticalização.

(Delta Larrousse, Reprodução/ND Online, 2014)



Apesar do estabelecimento como núcleo urbano ter se dado já há alguns séculos, evidenciava-se, no período do recorte temporal do estudo, o século XX, seu crescimento lento e desenvolvimento atrasado em relação a outras cidades brasileiras. Em verbete da Enciclopédia Larousse, na edição de 1974, o município foi descrito como inexpressivo, destacando-se somente por sua condição de capital político-administrativa. Identificava-se um *“pequeno desenvolvimento da cidade pela presença de casas velhas, ruas estreitas e terrenos baldios (antigas chácaras). Após a segunda guerra mundial, um pequeno surto de crescimento assinalou-se pela presença de alguns edifícios mais elevados (hotéis, bancos, repartições*

públicas)”. (Damião, 2014).

Esse desenvolvimento acanhado é visto como consequência da predominância de atividades comerciais de pequena monta, com um pequeno porto e produção relacionada principalmente à subsistência. O principal meio de locomoção ainda era o transporte marítimo, na maioria pequenos barcos à vela. À medida que aumentava a dimensão e calado dos navios utilizados comercialmente, menos conectada ficava a cidade com as necessidades e inovações de seu tempo. Desta forma, foi questionada por grupos políticos em ocasiões diversas a posição do município como capital. As classes dominantes, as quais teriam interesse na manutenção desse status da cidade, impulsionaram-se numa busca por uma nova e modernizada imagem da cidade, demonstrando uma posição política mais proeminente e uma maior relevância econômica.

À imagem de outras cidades brasileiras, um dos meios pelo qual este objetivo foi perseguido foi através da linguagem arquitetônica moderna, que passou a ser quase que adotada oficialmente, com novas técnicas construtivas a serem exploradas ou com ações e reformas modernizantes da malha urbana em geral, refletindo isso intensamente no cotidiano dos cidadãos. Iniciando no final da década de 1920, este processo de desenvolvimento moderno não se deu de imediato. A cidade continuava apresentando crescimento lento e deficiências de infraestrutura e abastecimento, não chegando ainda a 50.000 habitantes na década de 1950 (Teixeira, 2009). A configuração urbana e a imagem da cidade não mais representavam as demandas e o espírito dos tempos modernos, que apontavam para a verticalização das edificações e consequente modificação da estrutura urbana e da paisagem.

Em 1952, foi elaborado um Plano Diretor moderno para a cidade, buscando direcionar o crescimento natural da capital no futuro, através de diretrizes sistematizadas e delineadas por plantas técnicas e um conjunto de normas (Paiva, Ribeiro, Graeff, 1952). O Plano em si teve pouca aplicação, resultando basicamente na aprovação do Código de Obras municipal, a Lei Nº 246 de 15 de

novembro de 1955. Em alteração aprovada sob a forma da Lei Nº 565 de 26 de junho de 1963 é codificado o tipo de marquise e galeria a ser adotado em via pública. Tornou-se *“obrigatório a construção de marquises na testada dos edifícios localizados na zona comercial e industrial em todos os prédios construídos no alinhamento das vias públicas (...) preferencialmente em concreto armado (...) em toda a extensão da fachada”* formando um *“um único plano contínuo e horizontal”* junto com as marquises já existentes. Além disso, a prefeitura reservava o direito de, *“para melhor aproveitamento da via pública (...) fixar a obrigatoriedade da execução de galeria”* com vão mínimo de 3m, altura não inferior a 5m e pilares localizados no alinhamento da via pública.

Esta legislação, portanto, se torna um passo definitivo na configuração da cidade moderna, determinando a conformação dos edifícios, e conseqüentemente das ruas e passeios públicos que se queria criar. Há a clara opção pela qualificação do espaço público, especialmente do passeio, beneficiando a dinamização da área central de comércio, à semelhança de características que já vinham sendo contempladas dentro da legislação em cidades brasileiras mais proeminentes, como São Paulo e Porto Alegre. Este tipo de critério incentivou a adoção de preceitos modernos na forma de recomendação do estado, trazendo as galerias urbanas sob pilotis como medida bem sucedida na qualificação do ambiente urbano central e que se mostra eficiente até os dias atuais, como se apresentará adiante.

2 AS GALERIAS E MARQUISES NA ARQUITETURA DA CIDADE

Pela sua característica de configurar passagens construídas pela iniciativa privada para o comércio geralmente com coberturas transparentes em ferro e vidro, as galerias foram concebidas como espaços híbridos entre ambiente natural e construído, bem como do uso privado e público. Se consolidando na Europa do final do século XIX como um dos aspectos modernizantes da malha da cidade, este tipo arquitetônico-urbano ajudou a difundir novos materiais, espacialidades e até novos costumes sociais. Pelo caráter de empreendimento privado para venda de mercadorias na cidade antes da verticalização em massa e das grandes avenidas, este tipo se beneficiava da densificação de espaços edificadas ao nível da rua, na escala do pedestre, gerando ambientes protegidos em localização acessível, de acesso livre ao público em geral e proporcionando dinâmicas e relações urbanas muito além do simples consumo de artigos do comércio.

Nos séculos XVIII e XIX, a Paris pré reformas de Haussmann era uma cidade com sua malha medieval preservada, inapta a abrigar os grandes avanços tecnológicos e as novidades de consumo cuja grande vitrine eram as grandes Exposições Internacionais (Buck-Morss, 2002). *“Cada um, nos acotovelando sobre a calçada escorregadia, / Egoísta e brutal, passa e nos enlameia, / Ou, para correr mais rápido, distanciando-se nos empurra. / Em toda parte, lama, dilúvio, escuridão do céu. / Negro Quadro com que teria sonhado o negro Ezequiel.”* (Baudelaire. In: Benjamin, 2010. p. 49).

A partir dessa necessidade higienista de modernização que surgia e do crescimento da classe burguesa iniciou-se a construção do tipo da galeria como empreendimento, beneficiado pelo desejo de experimentação das possibilidades plásticas e construtivas dos novos materiais que liberaram os fechamentos da função estrutural: o ferro e o vidro. As *passagens*, *arcadas* ou *galerias*, ofereciam um ambiente protegido da intempérie e da deficitária infraestrutura urbana para o comércio de víveres diversificados, para frequentar os cafés e ler os jornais. Isso propiciaria ao cidadão comum flunar e ser visto, tornando-se figura participante do meio social e da cidade.

Mas, já naquela época, não se podia andar a passeio por todos os pontos da cidade. Calçadas largas eram raridade antes de Haussmann; as estreitas ofereciam pouca proteção contra os veículos. A flânerie dificilmente poderia ter-se desenvolvido em toda a plenitude sem as galerias. “As galerias, uma nova descoberta do luxo industrial – diz um guia ilustrado de Paris de 1852 – são caminhos cobertos de vidro e revestidos de mármore, através de blocos de casas, cujos proprietários se uniram para tais especulações. De ambos os lados dessas vias se estendem os mais elegantes estabelecimentos comerciais, de modo que uma de tais passagens é como uma cidade, um mundo em miniatura.” (...) As galerias são um meio-termo entre a rua e o interior da casa. (Benjamin, 2010. p.34 e 35)

A obra de Walter Benjamin é enraizada nesta época de transição, sendo documentada pelo autor em detalhes a mudança nos costumes. Benjamin identifica as características dos indivíduos presentes nesse ambiente em eminente urbanização, reconhecendo alguns arquétipos partícipes da urbe, como o *flâneur*, e demonstrando as mudanças urbanas geradas por essa transformação e seu impacto nas cidades e no cotidiano social. Este momento caracteriza-se pela passagem do comércio essencialmente realizado em praças e feiras de produtores para a atividade especializada praticada

pelas famílias de comerciantes em lojas com vitrines. Houve então um impacto na configuração das áreas centrais das cidades e nos hábitos citadinos, trazendo cada vez mais a prática da *promenade* urbana como um verdadeiro exercício de cidadania.

Essa injeção de modernidade obedeceu aos recursos e necessidades primeiramente existentes, abarcando inicialmente o espaço privado das galerias para depois estender-se às ruas. No entanto, esse fenômeno deu-se de forma complexa, em imbricação com a malha urbana existente, criando a possibilidade de expandir a ocupação de cidades saturadas a partir do interior do edifício, diversificando os usos urbanos e originando novas relações dos indivíduos com a cidade, indo além de um simples ambiente de comércio e de acordo com uma imagem de cidade que se buscava criar. Portanto, introduziu-se um diferencial de urbanidade pela criação de um espaço urbano de qualidade em meio ao desenvolvimento frenético da cidade da revolução industrial.



Figura 4: A passagem Choiseul, em Paris.
(Buck-Morss, 2002)

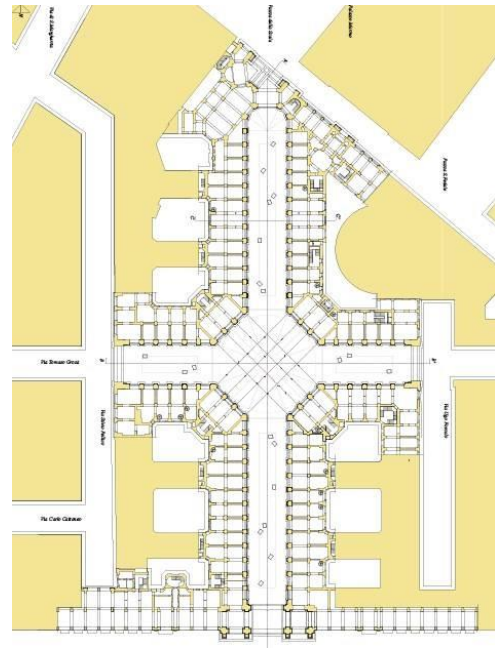


Figura 5: Planta Baixa da Galleria Vittorio Emanuele (1877), em Milão.
(Great Buildings, 2015)

As galerias transformaram-se junto à cidade, ampliando-se em número, escala e diversidade e encontrado algum declínio na Europa com as grandes avenidas, o rompimento da malha fundiária e o crescimento da escala em geral das intervenções urbanas. Não permanecendo estático, este tipo espalhou-se, ficando marcado como um meio de afirmação econômica e política das cidades rumo à modernidade. Por estas características também ganhou destaque no vocabulário moderno brasileiro no século XX, apresentando-se como um grande fator de revitalização dos centros históricos das cidades em desenvolvimento.

Este tipo, segundo Aleixo (2005), se estende ao Brasil através do moderno especialmente através de *marquises* e *edificio galeria*, que geralmente apresenta pavimentos tipo sobre o térreo público com lojas, podendo abrigar desde escritórios até a continuação da própria galeria comercial. Estas obras se tornam bastante emblemáticas, manifestando-se em diversos centros de municípios brasileiros com características fundamentais para entendimento da imagem das cidades que estão sendo criadas no país no século XX. Entretanto, a documentação e discussão destes tipos menos icônicos e mais cotidianos dentro da historiografia da arquitetura moderna brasileira é, ao que parece, ainda deficiente, ficando muito aquém da sua relevância na construção do meio urbano.

O surgimento das galerias manifestou-se no contexto do Estado Novo e da metropolização e modernização dos municípios mais desenvolvidos do país no início do século XX, um momento de desenvolvimento industrial e espraiamento da área central com destaque para o crescimento da verticalização. Segundo Aleixo (2005), as os edifícios galeria são encontrados à partir dos anos 1930 em São Paulo e encontram-se numa mesma região central. Projetadas com inspiração nas galerias europeias e americanas, estas obras são produto da associação de investidores brasileiros com o

imigrante europeu. Como na Europa, o processo de desenvolvimento industrial levou a um incremento do comércio e necessidades modernas transformadoras do cotidiano da sociedade, que passou a cultivar hábitos urbanos. Essa tipologia era atraente por possibilitar a maximização da ocupação e dos rendimentos pelo uso do interior do lote para o comércio, trazendo também interessantes alternativas na malha da cidade, criando situações e relações urbanas inéditas até então.

Dentre as obras mais documentadas encontram-se os edifícios galeria de arquitetos consagrados em outras tipologias, como a galeria Califórnia de Niemeyer (1953), o Conjunto Nacional (1956) de David Libeskind e R. Monteiro (1963) de Rino Levi. A historiadora Paula Ester Janovitch destaca a relevância destes edifícios, que concentravam a vida cultural dos anos de 1940-50, se apresentando como oportunidades para estes então jovens arquitetos de experimentar os preceitos e plásticas modernos, além de estabelecer parcerias com artistas nacionais na concepção dos edifícios junto a outras artes, como ocorreu no Edifício Califórnia, que apresenta um painel de Portinari (Veiga, 2010). Esta concepção de obra completa se tornou muito cara ao moderno brasileiro.



Figuras 6 e 7: Edifício do Conjunto Nacional, em São Paulo e detalhe da entrada da galeria, evidenciando o piso que mantém o uso do mesmo revestimento do passeio urbano.
(Acervo da Pesquisa, 2015)

O edifício de Libeskind destaca-se especialmente, por sua concepção com características inteiramente modernas interna e externamente, num misto de função comercial, serviços e residencial. Tombado em 2005, marcou a Avenida Paulista, que à época ainda se estabelecia sendo predominantemente residencial unifamiliar e hoje é a mais célebre do país. O edifício apresenta volumes hierarquizados separando as funções, destacando-se a opção pelo piso em pedra portuguesa continuando o padrão do passeio para dentro da galeria. Outros elementos relevantes são a rampa monumental ligando os pavimentos comerciais em *promenade* e o terraço jardim aberto ao público.

3 ESTUDOS DE CASO



Figura 8: Mapa da localização dos edifícios em estudo na região central de Florianópolis. O limite de cada edifício foi delineado, destacando o percurso da galeria com a linha pontilhada. Em azul encontram-se os Edifícios Galeria (passagem interna) e em vermelho os edifícios com marquise (galeria externa). Legenda: 1 – IPASE; 2 -Clube 12 de Agosto; 3 – IAPC; 4 – Sede da FATMA; 5 – Edifício das Diretorias; 6 – ARS; 7 – Ceisa Center.

(Elaboração própria sobre imagem de satélite. Google Earth, 2015)

3.1 Galerias Externas ou marquises

Caracterizadas por serem em sua maioria construídas pelo poder público a partir dos anos de 1940, essas marquises com pilotis são adotadas como recurso para emular na arquitetura o ideário moderno ao mesmo tempo em que fornecem aos edifícios públicos uma imponência própria da imagem do poder. Isso se deve ao protagonismo e plasticidade da estrutura de concreto, da adoção de pés direitos mais amplos e da criação de espaços de interface com o urbano e a área interna, qualificando o passeio e a experiência do usuário na cidade, numa transformação do tecido urbano tradicional.

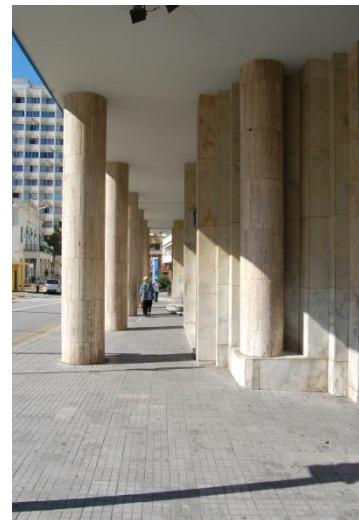
3.1.1 IPASE

Construído em 1945, o Edifício do IPASE foi idealizado pelo Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, com projeto de Raul Pinto Cardoso e atualmente abriga a sede da Gerência Regional Sul do INSS. Este Instituto foi criado por decreto-lei no governo de Nereu Ramos (1935-1937 e 1937-1945), período de grande importância na administração do Estado de Santa Catarina, em franca expansão com a implantação de novos serviços, como a assistência aos servidores públicos.

O terreno era parte da Fazenda do Estado de Santa Catarina e situado em uma importante praça municipal, a Praça Pereira Oliveira, onde já se localizou a Assembleia Legislativa e que até hoje abriga o Teatro Álvaro de Carvalho. A composição do edifício, com quatro pavimentos-tipo, térreo, subsolo e terraço, formando um total de 4.698 m² de área construída, é marcada pelo embate entre características clássicas, como eixo de simetria e estruturação tripartida e a grande influência dos cinco pontos de Le Corbusier. Apresenta pilotis, planta livre da estrutura e terraço-jardim, além de experiências em busca da fachada livre e janelas em fita. Por estas características, segundo Castro, está “entre os edifícios que ensaiaram os primeiros passos da arquitetura moderna funcional em Florianópolis” (Castro, 2002, p.28).

A escolha pelo uso dos pilotis marca a imagem da nova arquitetura para o pedestre, promovendo o uso público do lote no nível do passeio e marcando, portanto, a galeria coberta que contorna a maior parte da fachada do edifício, delineando a esquina nesta localização de grande importância na

capital. Segundo Castro, esta solução para circulação abrigada dos pedestres foi “amplamente adotada em diversas cidades brasileiras nos anos quarenta, formando longas avenidas com calçadas cobertas” (Castro, 2002, p. 121).



Figuras 9 e 10: O Edifício do IPASE em sua inserção urbana e a ambiência da galeria de pilotis que contorna externamente o edifício.

(Fotos de Dario de Almeida Prado, 2008)

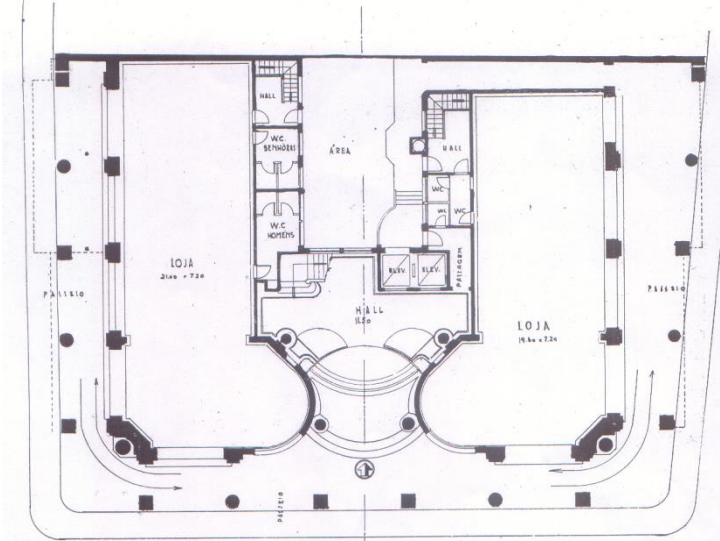


Figura 11: Planta Baixa do Edifício do IPASE, onde se evidenciam os pilotis e características anteriores ao moderno, como a simetria.

(Teixeira, 2009)

Um dos primeiros edifícios construídos na cidade e o primeiro a contar com elevadores (Amora, Agostinho, 2009), este exemplar foi pioneiro da estética moderna, num prelúdio da urbanidade à qual Florianópolis aspirava. Desta forma, é notável a escolha pela valorização do espaço público frente ao lote privado, iniciativa adotada pelo Estado, que se estabeleceu como líder no processo de modernização urbana.

3.1.2 Clube Doze de Agosto

Único exemplar em estudo nessa categoria que tem origem na iniciativa privada, a Sede do Clube Doze de Agosto foi aberta em 1956, com projeto do engenheiro Rui Ramos Soares, situada em um lote de destaque na Avenida Hercílio Luz, no limite do centro tradicional. Esta avenida, intervenção modernizante higienista, tornou-se parte do centro expandido, sendo ocupada por edifícios residenciais de caráter nobre e verticalizado.

O edifício do Clube conta com dois volumes prismáticos, um frontal vertical com quatro pavimentos, onde se encontra o acesso e os escritórios administrativos, outro horizontal aos fundos, abrigando o salão nobre de baile. De acordo com o projeto original, que foi construído com algumas modificações formais que simplificaram a execução de certos elementos, o edifício caracteriza-se também pela influência dos cinco pontos para a arquitetura moderna, ficando clara a janela em banda horizontal e a independência da estrutura.

A fachada principal mostra um painel decorativo previsto em projeto, mas executado tardiamente. Também fica clara uma experimentação plástica do concreto demonstrada pela marquise que se projeta sobre o passeio destacando a entrada, além de pilares em V. No topo do volume principal foi projetada uma cobertura curva não executada coroando a torre de circulação vertical, à maneira do MES (1945). Além disso, todo o volume térreo é recuado na extensão que faz frente à avenida, formando uma galeria de pilotis de pé direito elevado, para qual era previsto também a adição de painéis decorativos geométricos e salas comerciais, não executados.



Figuras 12 e 13: A Sede do Clube 12 de Agosto e sua galeria lateral com pilotis.
(Acervo da Pesquisa, 2014)

O projeto marcou uma era de expansão da ocupação nobre do centro, bem como o período em que a cidade se encontrava, da ascensão dos clubes sociais e do lazer urbano, aos quais a generosidade da galeria circundante serviam convenientemente. Estas são transformações muito marcantes dos costumes e cotidiano social na capital, que documentam o processo de modernização da mesma.

Atividade hoje em declínio, os clubes sociais são pouco procurados e o edifício do Clube Doze passa por um quadro dramático de interdição e desvalorização. Por este motivo, a entidade tende a aproveitar as investidas do capital imobiliário, usufruindo do alto valor do terreno, numa ameaça de perda irreversível do patrimônio. A carência de reconhecimento e proteção notoriamente tem possibilitado ações rápidas do capital que privam a cidade de documentos vivos de sua história.

3.1.3 IAPC

A Sede do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários foi construída em terreno ao lado do IPASE, em 1958, abrigando hoje Escritório de Representação do Ministério da Saúde. Concebido pelo engenheiro Carlos Francisco Valente e do arquiteto Hugo de Oliveira Lopes, profissionais do Instituto, o projeto propunha um edifício de dez pavimentos, com subsolo, térreo e oito pavimentos tipo em planta livre. Apresenta consolidados os cinco pontos para a arquitetura de Le Corbusier, documentando a evolução dos materiais e técnicas construtivas disponíveis na cidade, que já permitiam a execução de janelas em banda horizontal, por exemplo.

Mantém-se a galeria pelo recuo do pavimento térreo em relação à projeção da edificação, porém, lamentavelmente, os pilotis que formam a frente do pavimento térreo foram fechados por escolha do projeto para abrigar espaços de recepção. Desta forma, em conjunto com as empenas cegas das fachadas laterais, fecha-se uma ampliação da galeria pública, que apresenta especial destaque por proporcionar continuidade à galeria já estabelecida pelo edifício IPASE.

Este tipo de ação é notória em edifícios modernos, especialmente em reformas. Com razões apontadas para uma necessidade de maior segurança ou alterações para ampliação da área útil privada, estas alterações no caráter público dos pilotis são proporcionadas pela falta reconhecimento e proteção patrimonial. Estas intervenções descaracterizantes da arquitetura tem grande impacto no espaço urbano imediato e na utilização das ruas e passeios. Em casos como este, identifica-se a opção pela prioridade ao espaço privado, cedendo às dinâmicas imobiliárias frente à qualificação do espaço público que proporcione diferentes apropriações de lugares preparados para acolher a presença do indivíduo na cidade.



Figuras 14 e 15: Edifício do IAPC à esquerda do Edifício do IPASE e sua inserção urbana conjunta. À direita, edifício Sede da FATMA com sua galeria recuada em pátio no térreo.

(Fotos de Dario de Almeida Prado, 2008)

3.1.4 Edifício Sede da FATMA

Inaugurado em 25 de novembro de 1961, sob a denominação de *Palácio da Indústria*, a edificação foi concebida por Calvy de Souza Tavares para uso da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC). Com uma área de 2431,60m², em subsolo, piso térreo e mais seis pavimentos, o edifício situado à Rua Felipe Schmidt, centro do comércio e do cotidiano tradicional, é hoje utilizado pela FATMA, Fundação do Meio Ambiente.

O edifício segue as prerrogativas da arquitetura moderna, com térreo recuado sob pilotis formando uma galeria pátio à entrada, planta e fachada livre com abertura em banda horizontal. Nesta galeria, concebida como espaço de respiro na cidade e com o objetivo de enobrecer e marcar o acesso principal é notável a presença de um painel mosaico do artista modernista Martinho de Haro, que ocupa toda a parede frontal com motivos das atividades industriais do estado. Complementada por um espelho d'água a frente, este mural alude ideia de obra completa trazida pelo modernismo e presente no MES (1945). A arquitetura integrada à arte, com obras especialmente compostas para integrar o conjunto arquitetônico e a inserção urbana, complementando-os, era o objetivo final almejado pelo projeto moderno. *“Nesse sentido, aconteceu em Florianópolis, obviamente nas proporções da cidade periférica, uma união das atitudes modernas, nos campos da arquitetura e artes plásticas, tal como acontecia nos centros urbanos maiores do país”* (Teixeira, 2009).

Em sua concepção completa, de arquitetura e arte integrada ao urbano, o edifício se coloca como um fator de qualificação do espaço central existente, fornecendo através da sua galeria um lugar diferenciado para os transeuntes à cabeceira da maior via pedonal e centro do comércio. Essas características permitem relações distintas com o meio urbano, acrescentando funcionalidade e multiplicidade ao cotidiano municipal.

3.1.5 Edifício das Diretorias

Inaugurado em 1961, com projeto de Domingos Trindade com visível inspiração no MES (1945), o Edifício das Diretorias marcou um período chave do Estado em Santa Catarina. Segundo Castro (2002, p. 135), a partir da década de 1960, Florianópolis tem seu processo de expansão acelerado, sofrendo alterações sensíveis em sua conformação, especialmente pela verticalização. Com função

administrativa que se mantém até hoje, este edifício, apesar de ser contemporâneo de obras com estética clássica, marcou a paisagem da cidade bem em seu centro formador, tornando-se marco Moderno e urbano por excelência.

A construção da obra, também conhecida como Palácio das Diretorias, foi aguardada e consagrada já à época de sua inauguração como tema de história de capa de um dos principais jornais da cidade, *A Gazeta* (1961). O projeto era destacado como “*O majestoso Edifício das Diretorias, obra que vem enriquecer não somente o Patrimônio do Estado, mas também a estética urbana*” (Castro, 1997).

O edifício alcança uma concepção completamente dentro de características modernas, interna e externamente, o que até então não havia sido alcançado na cidade, apresentando elementos como brises, pilotis e janelas em fita. Conta com 8542,76 m² em área construída, onze pavimentos sobre térreo de pé direito duplo e subsolo. A implantação, que se dá em forma de L, forma um pátio protegido no interior do terreno para serviços e possibilita que as frentes do lote e da arquitetura sirvam ao interesse público, criando uma mudança interessante no passeio tradicional. Pelo uso dos pilotis para ampliar a área destinada ao pedestre, marca-se a esquina com uma marquise de forma orgânica que articula o espaço público e o privado (Teixeira, 2009). A inserção de um recuo no pavimento térreo com paredes revestidas em pedra, diferentemente do corpo do edifício, cria um espaço diferenciado e de pé direito amplo, que segue toda a extensão do edifício com frente ao passeio.

Localizada em uma das esquinas mais movimentadas do centro tradicional, entre a Rua Deodoro e a Rua Tenente Silveira, a uma quadra da praça formadora e do núcleo de comércio, esta galeria se torna especialmente utilizada. Beneficia-se de sua localização, enriquecendo-a à medida que abriga os transeuntes que aguardam o transporte ou protegem-se da chuva e até o comércio de ambulantes, que dinamizam o cenário animado do centro ao longo do dia.



Figuras 16, 17 e 18: O Edifício das Diretorias e a ambiência de suas marquises que delineiam a esquina do lote do edifício. Ao Centro, a marquise da entrada, de linhas orgânicas, e à direita, a marquise lateral, com pilotis em configuração tradicional.

(Acervo da Pesquisa, 2014)

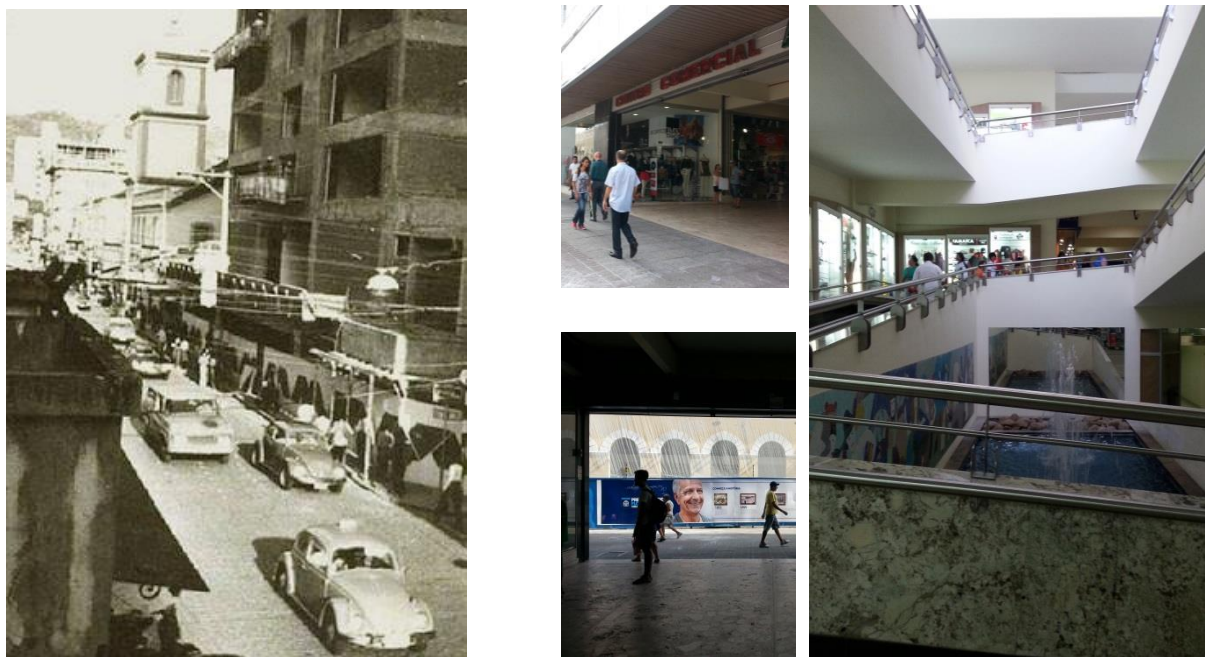
Segundo Castro (2002), recursos como os espaços de maior dimensão, a utilização de materiais com maior durabilidade e a introdução de novas técnicas e linguagens conferem ao conjunto da obra um caráter de monumento que configura uma das marcas edificações do Poder. Essa condição monumental e sua conformação diferenciada definem a imagem do edifício na cidade, influenciando e modificando a maneira de se relacionar com o urbano, marcando a paisagem urbana e documentando seu desenvolvimento.

3.2 Galerias Internas

Fruto de intervenções privadas com interesse comercial, estes empreendimentos se instalaram na capital num ciclo mais recente do moderno, que se deu a partir dos anos 1970. As galerias internas são introduzidas como elemento de novidade e prestígio no comércio tradicional, aproveitando lotes remanescentes no centro em expansão, que passava por um processo de verticalização. Por essa característica, esse tipo de empreendimento era muito interessante para investidores privados, especialmente por maximizar o aproveitamento, criando um ambiente com característica semelhante ao de uma fachada no interior e se beneficiando da localização. Nota-se que esse tipo tem grande impacto social, mudando os hábitos urbanos e transcendendo a malha da cidade e o conceito de lote privado, numa intersecção entre a arquitetura e a cidade que se mostra benéfica para a manutenção da dinâmica no centro histórico e permite que o usuário se relacione de maneiras inéditas com o espaço.

3.2.1 Centro Comercial ARS

Nomeado em homenagem ao governador Aderbal Ramos da Silva e construído na década de 1970, este foi o primeiro centro comercial do município. Ocupa um terreno entre as ruas Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra, em frente ao Mercado Público Municipal e na localização mais nobre para o comércio à época. A implantação tira partido destas condicionantes, abrindo entradas para as duas vias e vencendo o desnível entre elas com acesso por rampas a seus diferentes pisos, configurando uma galeria pública interna que se estende com livre acesso aos andares superiores, também com lojas. O edifício apresenta também um espelho d'água que complementa esteticamente a proposta de oferecer um local diferenciado e moderno para a realização das compras na cidade, criando uma atmosfera agradável para o passeio e atalho entre vias na atividade cotidiana dos cidadãos de todo o município.



Figuras 19, 20, 21 e 22: À esquerda, o Centro Comercial ARS na época de sua construção e a ambiência da Rua Felipe Schmidt à época. No centro, a entrada da Rua Felipe Schmidt atualmente, com a vista do calçadão para o interior e abaixo do interior para calçadão e o Mercado Público Municipal. À direita, o vão central da galeria, com chafariz e iluminação zenital, contornado por rampas de acesso.

(Acervo da Pesquisa, 2014)

Esta obra inaugura em Florianópolis a concepção de galeria interna ao edifício atravessando o terreno, transgredindo a partir de dentro o conceito de lote privado e criando alternativas à malha urbana. Isso foi benéfico tanto para o empreendimento comercial em si quanto para a dinâmica urbana, pois oferece possibilidades de uso e apropriações diferenciados das pessoas na cidade. Neste caso, inclusive, mantém-se a característica da galeria nos andares superiores do edifício, interpondo intimamente cidade, usuário e arquitetura e criando novas interrelações entre os mesmos.

3.2.2 Ceisa Center

O Condomínio Edifício Ceisa Center foi projetado em 1975 (e inaugurado em 1978) pelo escritório de engenharia e arquitetura Liz Cassol Monteiro Associados, sendo reconhecido até hoje como o mais importante centro comercial de Florianópolis. Tornou-se marco urbano pelo seu partido de formas curvas à medida que *“apresenta a Florianópolis a gramática modernista de Oscar Niemeyer e Carlos Lemos, no famoso edifício Copan de São Paulo”* (Mattos, 2009).

O edifício de treze pavimentos conta com 31.948,02 m² de área construída, caracterizando um empreendimento de escala grandiosa para a capital à época. Apresenta uma galeria térrea interna que acompanha a forma serpenteante do edifício atravessando o lote com entradas em todas as três vias com os quais o terreno faz divisa. Esse partido caracterizado pela forma curvilínea acentuada pelo brise horizontal de concreto que marca toda a extensão da fachada se distinguia na paisagem urbana com sua linguagem arrojada frente a capital ainda em processo de modernização.



Figura 23: O Ceisa Center em sua inserção urbana.

(ND Online, 2013)

Até o período de sua construção, a área comercial de Florianópolis ainda se concentrava na porção insular central tradicional, da linha d'água até a Rua Felipe Schmidt. A concepção deste grande centro de comércio e negócios só encontrou espaço compatível dentro da quadra entre as Ruas Vidal Ramos e Osmar Cunha, região estritamente residencial afastada por duas quadras do presente centro de comércio, por isso à época um empreendimento considerado arriscado por seu porte. Além disso, o desejo de garantir frentes para todas as três vias disponíveis e a impossibilidade de adquirir todos os terrenos ambicionados na quadra levou à solução arrojada de implantação curva, que vence um considerável desnível em um terreno de formato trapezoidal, aspecto que à época também poderia ser um fator de risco para o investimento naquele que era o maior edifício comercial do estado à época.



Figuras

24 e 25: O acesso principal do Ceisa Center, na Rua Osmar Cunha e a ambiência interna da galeria.
(Acervo da Pesquisa, 2014)

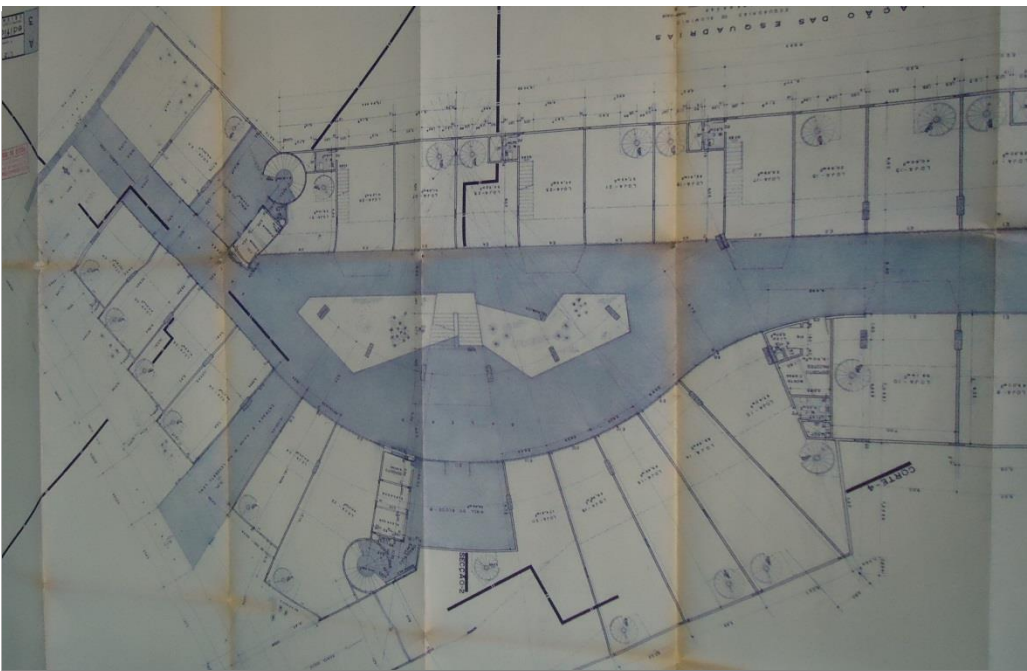


Figura 26: Planta baixa do Ceisa Center, com o percurso da galeria destacado em azul e a circulação vertical em volume irregular ao centro do ático.
(Acervo da Pesquisa, 2014)

O investimento provou-se vantajoso para aqueles que adquiriram as salas, inicialmente profissionais da área da saúde, pois estas passaram a ser valorizadas consideravelmente no mercado na década que se seguiu. Mantendo crescimento na procura até hoje e consolidando a área como região nobre do centro, hoje circulam cerca de 10.000 pessoas todos os dias somente nos blocos do edifício, sem considerar a galeria aberta ao público (Schmitz, 2013).

O pé direito triplo do térreo e a largura superior dos corredores são elementos que marcam o edifício e que contribuem para a apropriação urbana do mesmo. O térreo apresenta a galeria com lojas comerciais e os pavimentos superiores são divididos em três blocos de consultórios e escritórios. Além disso, a obra é complementada pela presença de instalações artísticas nas entradas principais e no acesso aos elevadores, com o trabalho em baixo relevo de Roberto Vivas e espelho d'água, na concepção moderna de obra completa. É criado, assim, um ambiente aprazível e convidativo para que o passante experimente a galeria interna e descubra este caminho alternativo bem no centro da cidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente a necessidades inéditas inerentes à construção das cidades, as galerias foram adotadas em consequência do mercado imobiliário, mas com um grande impacto social, ajudando a construir o cotidiano e a ideia de urbano. Multiplicam-se as fachadas no interior do lote e do edifício, em benefício ao empreendimento, mas também à vivacidade da cidade. A galeria se nutre do público que frequenta as ruas centrais ao mesmo tempo que gera um novo ponto concentrado de interesses atrativos que ajudam a manter o centro histórico vivo. As galerias agem, em certa medida, como fator dinamizador e revitalizador dos centros formadores, em muitos casos verdadeiramente reabilitando a animação do centro e mantendo sua utilização intensa com o passar do tempo. Com seus usos sociais agregados à atividade comercial, as galerias cumpriram seu papel modernizante no centro eclético e prestam-se ao papel de animador urbano ainda atualmente.

A regulação do Estado sobre a produção do espaço se torna elemento chave para a reprodução das características modernas experimentadas e consagradas nas metrópoles brasileiras. Beneficiava-se o crescimento da cidade a partir do desenvolvimento do centro, aproveitando os terrenos restantes por entre a malha, que se talvez oferecessem desafios para implantação pela exiguidade, proporcionaram soluções inovadoras e inspiradas como as muitas galerias que se proliferaram. Dentre os dois tipos observados em Florianópolis, as galerias modernas resultantes de intervenções do Estado são maioria, sendo também pioneiras e todas do tipo externa, como marquise com pilotis.

No entanto, é preciso destacar a contribuição privada, que introduziu no município a galeria pública interna ao edifício com finalidade comercial nos anos 1970. Essas galerias trazem a característica mais forte de hibridismo, em que edifício e cidade se interpenetram e constroem-se mutuamente em espaços ininterruptos, atenuando-se os limites entre o público e o privado. Estes edifícios galeria atendem bem à iniciativa privada, por maximizarem a área nobre para o aluguel comercial no térreo, numa concepção que passou a ser adotada conforme a cidade se expandiu e tornou-se mais densamente ocupada, na qual a localização do lote passa a ser critério primordial para o sucesso de empreendimentos. São também as obras em maior altura, marcando o ciclo de desenvolvimento em que a cidade se encontrava, caracterizado pela verticalização.

As galerias tornaram-se marcos urbanos ora por sua grandiosidade, plasticidade e invariavelmente por sua localização e desempenho efetivo de sua utilidade como complemento à malha urbana. São espaços que já fazem parte da memória e da imagem da cidade, que se transformaram e se mantiveram relevantes junto das transições enfrentadas na escala urbana. Se nos tempos modernos muitas vezes eram os espaços mais nobres da cidade, hoje, à medida que o centro é tomado de calçadas mais democráticas do que as vias para automóveis, atingem maior popularização.

O Movimento Moderno, em seus postulados, através do uso emblemático do concreto armado (e das estruturas em aço) fortaleceu a ideia de independência entre estrutura e fechamentos, o que possibilitou a criação de configurações espaciais inovadoras, formas livres, vãos generosos e usos antes não imaginados. Tirando partido dessa premissa, a concepção de galerias públicas subvertendo a ideia de propriedade privada do lote se torna adequada aos princípios modernos, que muitas vezes resultaram na concepção de espaços públicos amplos e monumentais, potencializados pela planta livre, prerrogativa do projeto de edifícios contemporâneos. Congregando num mesmo edifício funções como trabalho, serviço, comércio, moradia e convívio, o tipo da galeria oferece relações novas e mais íntimas entre os indivíduos e destes com a cidade. Malha urbana e lotes se misturam, gerando uma continuidade superposta e fluída, em que ambos os espaços se beneficiam em verdadeira simbiose urbana. Estas arquiteturas formam espaços de característica eminentemente urbana, que só encontram sentido em sua inserção na cidade e na sobreposição de relações sociais e espaciais.

5 BIBLIOGRAFIA

AMORA, A. A.; AGOSTINHO, M. G. (2009). *Edifícios para a Saúde e o processo de Modernização em Florianópolis, um passo para a consolidação da preservação do patrimônio moderno*. In: 8º Seminário Docomomo Brasil, Rio de Janeiro.

ALEIXO, C. A. P. (2005). *Edifícios e galerias comerciais: arquitetura e comércio na cidade de São Paulo, anos 50 e 60*. 268 f. Dissertação (Mestrado) - Tecnologia do Ambiente Construído, Escola de Engenharia de São Carlos, Usp, São Carlos, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18131/tde-07012007-201920/pt-br.php>>. Acesso em: 28/01/2015.

- ANELLI, R. (2001). *Rino Levi, arquitetura e cidade*. São Paulo: Romano Guerra.
- BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. (2010). *Brasil: Arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva.
- BENJAMIN, W. (2010). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense.
- BUCK-MORSS, S. (2002). *Dialética do Olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens*. Chapecó: UFMG.
- CASTRO, E. R. M. (2002) *Jogos de Formas Híbridas, Arquitetura e Modernidade em Florianópolis na década de 50*. Tese (Doutorado em História Cultural) Centro de Filosofia e ciências Humanas, UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- (1997). *Edifício das Diretorias: Emblema Modernista em Florianópolis*. In: Esboços: Revista do Programa de Pós - graduação em História da UFSC, Florianópolis, v.5, n.5. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/521>. Acesso em: 28/01/2015.
- DAMIÃO, C. (2014). *Memória de Florianópolis: Há 40 anos, uma cidade "inexpressiva"*. Notícias do Dia. Florianópolis, 01 nov. 2014. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/colunas/ponto-final/210180-memoria-de-florianopolis-ha-40-anos-uma-cidade-inexpressiva.html>>. Acesso em: 28/01/2015.
- FLORES, M. B. R (orgs). (2006). *A Casa do Baile - estética e modernidade em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Boiteux.
- MARTINS, C. A. F. (1999). *"Hay algo de irracional..."* In: BLOCK, Número 4, diciembre de 1999, p. 8. Buenos Aires, Argentina: Universidad Torcuato Di Tella, Centro de Estudios de Arquitectura Contemporanea.
- MATTOS, M. (2009). *Arquitetura institucional em concreto aparente e suas repercussões no espaço urbano de Florianópolis entre 1970 e 1985*. Dissertação (mestrado). Florianópolis: Programa de Pós Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina.
- MONTANER, J. M. (2009) *Sistemas arquitectônicos contemporâneos*. Barcelona, Espanha: Editora Gustavo Gili.
- PAIVA, E; RIBEIRO, D; GRAEFF, E. (1952) *Florianópolis - Plano diretor*. Florianópolis.
- SOUZA, J. P. (2010). *O Plano Diretor de 1952-1955 e as repercussões na estruturação urbana de Florianópolis*. 133 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Florianópolis.
- SEGAWA, H. (1997). *Arquitetura no Brasil. 1900-1990*. São Paulo: Edusp.
- SCHMITZ, P. C. (2013). *Inaugurado em 1978, Ceisa Center é um ícone do comercio na capital*. Notícias do Dia. Florianópolis. 03 mar. 2013. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/53588-inaugurado-em1978-ceisa-center-e-um-icone-do-comercio-na-capital.html>>. Acesso em: 21/01/2015.
- TEIXEIRA, L. E. F. (2009). *Arquitetura e cidade: a modernidade (possível) em Florianópolis, Santa Catarina - 1930-1960*. 377 p. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia, Programa de Pós-Graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo.
- TEIXEIRA, L. E. F; YUNES, G. S; SOUZA, R. R; SANSÃO, M. M; GODOY, M. S. (2014). *Um Itinerário para a Arquitetura Moderna em Florianópolis*. Cadernos Naui: Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 3, n. 4, p.1-16, jan-jun, 2014. Semestral. Disponível em: <<http://nau.ufsc.br/files/2014/11/Um-Etinerário-para-a-Arquitetura-Moderna-em-Florianópolis.pdfv>>. Acesso em: 28/01/2015.
- TEIXEIRA, L. E. F; YUNES, G. S; SOUZA, R. R. (2014). *Edifícios Institucionais Modernos em Florianópolis*. In: III ENANPARQ, São Paulo. Anais do III ENANPARQ – Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. São Paulo.

VEIGA, E. (2010). *Passeio desvenda as galerias de São Paulo*. O Estado de S.paulo. São Paulo. 11 abr. 2010. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,passeio-desvenda-as-galerias-de-sao-paulo,536756>>. Acesso em: 28/01/2015.

YUNES, G. S. (2013). *Ícones modernos nos clubes sociais de Florianópolis*. In: *Modernidade em Arquitetura e Urbanismo em Santa Catarina*. Blumenau: Edifurb.